

As escolas de samba na “Europa brasileira”: estratégias organizativas da população negra em Santa Catarina

CRISTIANA TRAMONTE

Pesquisadora do Centro de Ciências da Educação e Programa
de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

Examina-se a trajetória histórica das escolas de samba de Florianópolis e as estratégias da população negra local para lograr avanços organizativos, analisando o fenômeno no contexto do Estado de Santa Catarina, a chamada “Europa brasileira”. Identificam-se os processos de construção da identidade cultural afro-brasileira e o papel que o samba cumpre nesta configuração.

Palavras-chave: Escola de samba. Cultura afro-brasileira. Florianópolis

ABSTRACT

This article analyses the historical development of the samba schools in Florianopolis, capital of Santa Catarina state, and the strategies performed by the black population from the region in order to get organizational advances in what is considered the most European state in Brazil. For this purpose, the article identifies the process of construction of the Afro-Brazilian cultural identity and the role performed by samba music to fulfill this configuration.

Key words: Samba school. Afro-Brazilian Culture. Florianopolis

O carnaval é uma vivência cotidiana para o brasileiro. Desvendar as relações, os significados, estruturas, protagonistas, valores, história, é falar muito do Brasil e seus atores fundamentais no processo de construção social. Os primeiros estudos aprofundados sobre o carnaval datam das décadas de 50 e 60, mas o tema permanece atual porque o carnaval brasileiro, longe de identificar-se com manifestações folclóricas que repetem a tradição, recria-se continuamente resultado de combinações de fatores diferenciados, ao mesmo tempo em que influi e transforma estas relações.

As escolas de samba representam uma original e bela criação artística. Mas, disto, representam ainda hoje, uma das expressões máximas do viés fundamental da formação da cultura e do pensamento nacional: a cultura negra, de origem africana.

No entanto, o surpreendente, pelo inesperado, é a organização social das escolas de samba de Florianópolis, a capital do “estado alemão”. O que surpreende e fascina é descobrir, sob o manto da aparência e do estereótipo, a densa e intrincada rede de relações que tecem as escolas de samba da cidade, capital de um Estado brasileiro cuja população é marcada pela preponderância numérica de habitantes de origem européia. Nesse contexto, torna-se ainda mais relevante o estudo da história da resistência e organização das camadas populares de origem negra. Sua história de participação no carnaval local segue, felizmente, a trajetória das escolas de samba no Brasil: é a história da construção da hegemonia cultural no país promovida por aqueles que há um século atrás eram escravos. Como superaram a opressão e desenharam o perfil da “brasilidade”, eis o que intriga e fascina.

As formas carnavalescas vão adquirindo contornos e importância como reflexos do momento histórico em que se inserem, ao mesmo tempo em que são o seu motor. À medida que a sociedade brasileira principiava a sonhar com a passagem da condição agrária à modernidade da industrialização, suas elites começam a aspirar a formas mais sofisticadas de divertir-se, buscando espelhar-se na cultura européia (QUEIROZ, 1992). Em Florianópolis, o popular entrudo foi superado pelas formas europeizadas de brincar o carnaval, consubstanciando-se nas Sociedades Carnavalescas, o lazer das elites. Entretanto, ao escravo da antiga Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, não era permitido participar de nenhuma destas manifestações lúdicas (CABRAL, 1979). Será

inicialmente com os ranchos, cordões e blocos que a população negra em Florianópolis principiará a participar do carnaval, mas sua presença definitiva e marcante ocorrerá com a criação das escolas de samba na década de 40, que se configurarão como um dos principais instrumentos de inserção social das camadas populares de origem africana. Estas, em Florianópolis, antiga Desterro, tiveram especial dificuldade de organizar-se; enfrentaram uma situação de preconceito social e racial que permanecerá por muito tempo e que tornará ainda mais árdua a mobilidade social dos negros no âmbito local.

Esse preconceito explica-se por vários fatores estruturais específicos da formação econômica e histórica da região. Um desses fatores é o elevado número de brancos pobres, o que os aproximava na prática dos descendentes de escravos. A situação social similar e o receio de que a aproximação colocasse negros e brancos em pé de igualdade de oportunidades fez com que os brancos intensificassem os atos de preconceito e afastamento social visando marcar a diferenciação (PEDRO *et al.*, 1988). Além do mais, o número de negros em âmbito local é pequeno se comparado com o resto do país dada a formação econômica de Florianópolis, o que agravava as dificuldades.

Esse quadro, adverso às camadas populares de origem negra porque pleno de barreiras sociais e raciais, começa lentamente a reverter-se por iniciativa dos descendentes de escravos que vão elaborar formas organizativas de caráter cultural as quais, paulatinamente, vão adquirindo importância social e política. A iniciativa caberá principalmente aos grupos de negros que possuem características determinadas, denominadas como a “élite” (CARDOSO & IANNI, 1960): são os primeiros habitantes dos morros da Ilha, descendentes dos antigos escravos, que possuem família constituída, alianças com outros setores sociais e gozaram durante algum tempo de certo prestígio entre as autoridades; deste grupo de negros uma parte ascende aos estratos médios da sociedade, apesar da maioria permanecer na pobreza.

Inicialmente, esse grupo organiza ranchos, cordões e blocos e no final da década de 40 e início da década de 50, criam as escolas de samba Protegidos da Princesa e Copa Lord [1] buscando organizar e dar visibilidade social aos negros. As táticas iniciais de penetração social dos negros em

1 – *Copa Lord* é uma gíria de época que significa “estar numa boa”, “estar numa de Lord”, segundo depoimentos de sambistas tradicionais locais.

2 – Cuñosos também são os símbolos representativos destas duas agremiações carnavalescas: a Escola de Samba Protegidos da Princesa representa-se com uma mão feminina gigantesca que acolhe o pequeno sambista. A Escola de Samba Embaixada Copa Lord tem como signos identitários a cartola, luvas brancas e bengala, uma clara referência à vestimenta da aristocracia européia.

Florianópolis podem ser resumidas através dos significados sugeridos pelos nomes das primeiras escolas de samba: proteção (tutela, uma clara referência à Princesa Izabel) e nobreza (refinamento). O estabelecimento de relações através da combinação e/ou alteração desses dois elementos serão as estratégias iniciais para a abertura dos primeiros espaços. [2]

O EXERCÍCIO DA MEDIAÇÃO: NAS BRECHAS DO NACIONALISMO

De acordo com a mesma lógica do processo que havia ocorrido no Rio de Janeiro duas décadas antes, também a população negra de Florianópolis vai progressivamente conquistando o espaço do carnaval com as formas culturais afro-brasileiras, aproveitando os elementos europeus dos desfiles das Sociedades Carnavalescas e imprimindo-lhes o ritmo e a música de origem africana. As Sociedades Carnavalescas, organizadas anteriormente pelas elites de origem européia, vão perdendo importância para as escolas de samba que começam a delinear o perfil do carnaval local. Entretanto, nessa primeira fase, que inclui as três primeiras décadas do século XX, serão basicamente as camadas populares de origem negra que farão o carnaval das escolas de samba. As classes médias e as elites permanecerão como espectadores.

Com o avanço cultural propiciado pelas escolas de samba, amplia-se também o espaço político e social das camadas populares de origem africana. Trata-se de um processo de construção de hegemonia no âmbito cultural: se o carnaval era originalmente europeu, vai configurando-se cada vez mais com seus traços afro-brasileiros, tornando-se o símbolo nacional e identificando “brasilidade” com cultura de origem negra (ORTIZ, 1985). Neste momento, a ênfase dos desfiles se dá no aspecto rítmico-melódico: samba no pé, ritmo elaborado da bateria, samba bem cantado etc. Também em âmbito local, o samba vai impondo-se no carnaval, entretanto, convive durante muito tempo com as marchas carnavalescas.

O fato de que as manifestações culturais de origem negra conseguissem suplantarem as formas europeizadas anteriores do carnaval não significou, entretanto, que a situação econômica do negro em Florianópolis tivesse se alterado substancialmente, mesmo com o incremento econômico da cidade na década de 60. Ao contrário, a situação do negro permaneceu quase a mesma do período pós-abolição e a cidade aumentou de proporções crescendo o

contingente de pobreza, com a vinda de imigrantes inicialmente para os morros da cidade (CARDOSO & IANNI, 1960). Mas, o exercício cultural através das escolas de samba significou um salto qualitativo quanto à ocupação do espaço social e político, visibilidade e penetração na opinião pública das camadas populares de origem negra. Uma das provas desta visibilidade é que a temática “morro” como local de moradia destas populações começa a emergir publicamente tanto na imprensa (algumas vezes denunciando as más condições de vida destes locais), como em canções, valorizando a inspiração e a capacidade poética dos seus moradores, contribuindo na quebra de preconceitos.

As escolas de samba vão adquirir visibilidade em Florianópolis num período anterior ao golpe de 64, em que se vivia no Brasil um movimento cultural que buscava a “autenticidade nacional” e que disputava, a partir da década de 20, o traço africano como fundamental na construção da brasilidade. Esse ambiente cultural vai auxiliar a impulsionar as escolas de samba, também em Florianópolis, apesar das condições adversas. À medida que sobe a estrela destas nos finais da década de 50, as relações com forças sociais e políticas da cidade também se estreitam: os apoios econômicos do empresariado e comércio local – significativos nesta época – também são utilizados pelos negros como forma de ampliação social. Pode-se afirmar que as agremiações carnavalescas atuaram como mediadoras entre as classes populares de origem negra e outros setores sociais, inclusive da elite da cidade (TRAMONTE, 1996).

O PERÍODO AUTORITÁRIO BRASILEIRO E O SAMBA: OCUPANDO AS BRECHIAS POSSÍVEIS

Outra relação social importante que principia a emergir nesta época é com o Poder Público. Numa primeira fase, que se estenderá até meados da década de 70, essas relações são aparentemente harmônicas, de cunho paternalista e autoritário, uma vez que o Poder Público controla e dirige as atividades das escolas de samba, ao mesmo tempo em que subsidia seus gastos. Estas, por seu lado, alimentam estrategicamente essa relação, buscando ampliar seu leque de alcance social e afirmar-se no cenário cultural da cidade. Pode-se afirmar que as camadas populares de origem negra apostam basicamente no exercício do consenso e da conciliação – nas “novas” relações que

princípios a consolidar-se com outros setores sociais e com o Poder Público – para fazer avançar sua organização em escolas de samba.

Entretanto, este exercício do consenso não ocorrerá inicialmente entre as próprias agremiações carnavalescas. A exemplo do que havia ocorrido em outros lugares do Brasil, a articulação interna entre as próprias escolas é incipiente. Nas décadas de 40 até meados de 70, em geral a rivalidade intra-escolas é permanente e além da disputa pela preferência da opinião pública, disputa-se também as benesses do Poder Público. Por vezes, essas táticas redundaram em atrelamento político das escolas de samba a grupos conservadores locais; entretanto, não se pode afirmar que a história destas tenha sido de submissão política: episódios localizados historicamente não podem configurar o exercício de uma prática. Em geral, as escolas de samba lutaram pela construção de processos de hegemonia cultural das camadas populares de origem negra.

As táticas de conciliação e consenso começam a alterar-se com o regime autoritário que se implantou no país com o golpe militar de 1964 que também irá refletir-se na atuação do Estado no carnaval local através da censura a ranchos, blocos, escolas de samba, concurso de canções etc. Essa repressão abateu o ânimo carnavalesco na década de 60 em Florianópolis, mas se por um lado o Estado cumpria a função repressora, por outro as escolas de samba não deixaram de dar sua contribuição à luta pela democracia, abordando temas sociais, buscando solidificar a temática negra em todas as oportunidades culturais que tiveram acesso e lutando também através do silêncio, deixando de prestar homenagens a políticos e autoridades, como vinham fazendo todos os anos desde suas fundações. Essa participação social das escolas de samba se desenvolve na década de 60 com uma metodologia bem própria: buscam se institucionalizar, dialogam e recebem apoio do Poder Público de feições autoritárias e populistas, mas não adotam sua ideologia; trabalham temáticas sociais com ironia e arte, mas não assumem a função de “instrumento de conscientização” bastante comum entre o pensamento progressista da época. Vão buscando caminhos próprios de avanço e consolidação, adotando ora uma, ora outra estratégia, ora conciliando, ora enfrentando, ora cantando a ordem vigente em temas ufanistas, ora cantando heróis do passado que contribuem para refletir sobre o presente, buscando sempre neste momento, como

característica fundamental aglutinarem em torno de si a diversidade. Esta característica tornará a escola de samba um dos mais importantes *locus* organizativos das camadas populares de origem negra de Florianópolis, que, além destas estratégias citadas, utilizará também o luxo, a elegância, o ritmo e a música como instrumentos de avanço e afirmação.

Nos finais da década de 60, as escolas de samba ensaiam novos passos na consolidação de sua organização: o número de agremiações cresce significativamente, os ensaios são regulares e começam as primeiras preocupações com estruturação, superando o imediatismo dos primeiros tempos. A participação econômica do Poder Público nos desfiles como um dever social emerge claramente nesta época; as possibilidades dos desfiles como investimento financeiro no setor turístico começam a esboçar-se no início dos anos 70. Lentamente as escolas de samba também começam a penetrar nos espaços das elites, como os clubes tradicionais da cidade, seja através das baterias, seja através dos desfiles de fantasias. Mas será somente a partir dos anos 80 que as classes médias e elites se aproximarão das escolas de samba em Florianópolis.

Nos tempos de maior acirramento do regime militar – final dos anos 60 e início dos anos 70 – as escolas de samba de Florianópolis não deixarão de dar sua contribuição social, reforçando a temática da cultura afro-brasileira e dos temas históricos de fundo democrático, como lutas e personagens históricos negros etc. Nesta época a opinião pública já lhes é francamente favorável. A temática da cultura afro-brasileira penetra as ruas, passando pelas escolas de samba e chega aos clubes das elites. Entretanto, a relação com o Poder Público continua a ser, cada vez mais, de subvenção e controle. Embora o momento fosse de intensa repressão, as escolas de samba continuam a consolidar-se. Isso não quer dizer necessariamente que as escolas de samba fossem coniventes com o autoritarismo; significa que utilizaram táticas que não implicaram em enfrentamento direto com o poder: estabelecer alianças, ganhar a opinião pública, penetrar os espaços possíveis como, por exemplo, os meios de comunicação, impressionar com seu potencial artístico, atuar como mediadora entre as classes populares e as elites, institucionalizar-se etc. foram alguns dos instrumentos de consolidação das escolas de samba nesta época, ao mesmo tempo em que se expressava também sobre temas sociais como a Guerra do Vietnã, penetrando nos espaços possíveis de expressão pública. Além disso, o

regime militar apostava também no nacionalismo para firmar suas bases e a escola de samba há muito já havia emergido como símbolo nacional da “brasilidade”, elemento que foi plenamente assumido por esta também como instrumento de afirmação, o que lhe possibilitou a sobrevivência nos tempos de ditadura militar.

Sobreviver e manter-se “autêntica” como signo de “brasilidade” e de cultura nacional foram seus principais desafios. Em meados da década de 70, as escolas de samba começam a sentir o que será mais tarde uma de suas problemáticas principais: a ausência de uma estrutura financeira adequada à importância social e artística que passam a ter.

O SAMBA CONSOLIDA PASSAGEM: EXERCENDO HEGEMONIA CULTURAL E SOCIAL

Nesta época a população “do morro” emerge como temática social e poética na imprensa, nos festivais de música, enfim, na opinião pública local. A quantidade de elogios às escolas de samba é diretamente proporcional às críticas negativas à atuação do Poder Público no carnaval, o que significa que apesar do Estado financiar os desfiles, sua atuação controladora e autoritária provocava descontentamentos nos níveis interno e externo às escolas de samba. Os elogios abertos provam que, embora a situação econômica e social dos negros em Florianópolis fosse de imobilidade social, seu prestígio cultural já era indiscutível.

Aliada à problemática da estruturação econômica, surge também a temática do empresariamento das escolas ligada à questão da autonomia em relação ao Poder Público. O crescimento das escolas de samba implicará também numa alteração artística que envolve aspectos estético-plásticos e musicais, o que não ocorrerá sem conflitos. Estes elementos serão “divisores de águas” no Mundo do Samba no seio do qual se desenvolverão grandes polêmicas em torno de polarizações como autonomia X dependência, “negritude” X “branqueamento”, mercantilização X autenticidade, empresa X comunidade etc. Entretanto, no desenrolar da trajetória das escolas de samba de Florianópolis, esses elementos serão ora combinados, ora alternados, ora polarizados conforme o momento histórico e as forças sociais em jogo. Ou seja, um processo dinâmico e contínuo incessantemente transformador explica as várias modificações ocorridas nas escolas de samba. Isso justifica porque tantas vezes se anuncia que “o carnaval está morrendo” e este sempre se reelabora em novas formas, se diversificando em inúmeras possibilidades.

Em meados da década de 70, com a instalação de empresas de grande porte e o crescimento do empresariado industrial e comercial do lado continental da área urbana, começam a surgir novas relações econômicas na cidade as quais impulsionarão o desenvolvimento econômico geral. Estas trarão como consequência o crescimento das classes populares com a ocupação das áreas continentais, atraídas pelas possibilidades de atividade remunerada e expulsas da área rural pelo processo de entrada do agro-negócio no campo. Essas novas forças econômicas instaladas na parte continental da cidade possibilitarão a emergência na década seguinte do fenômeno das “novas” escolas de samba: Grêmio Recreativo Escola de Samba Consulado, originado como bloco na empresa Eletrosul e a Escola de Samba Unidos da Coloninha, as quais alterarão a rigidez estabelecida pelo antigo quadro, composto das “tradicionais” (principalmente Protegidos da Princesa e Copa Lord) as quais, até então, revezavam-se nas vitórias e dividiam a opinião pública e as glórias.

ATRELAMENTO OU PLURALIDADE? AS RELAÇÕES POLÍTICAS COM O PODER PÚBLICO

Em meados da década de 70, o Poder Público vê nas escolas de samba uma possibilidade concreta de investimento econômico de longo prazo. Por este motivo, que incrementou ainda mais o prestígio público destas e pelo espaço social já conquistado em sua história, elas possuirão um espaço de expressão democrática incomum para o momento repressivo em que se vivia: nos desfiles das escolas de samba em Florianópolis, a referência a lideranças de movimentos coletivos, figuras heróicas da história e mesmo algumas “rebeldias”, como desfilar sem permissão oficial acabam sendo aceitas, respaldadas pelo seu prestígio. Isso não significa que sua atuação fosse deliberadamente “de protesto” contra a ordem vigente; significa apenas que a amplitude do espaço social conquistado lhe permitia grande poder de expressão pública.

A expansão das escolas de samba convive, no Estado de Santa Catarina, com outro fenômeno característico: a resistência dos “núcleos coloniais” (geralmente de origem germânica, um dos grupos étnicos locais fortes) à “onda avassaladora” das escolas de samba. O resultado desse processo é uma luta constante por hegemonia cultural nesses locais disputada por negros, por um lado e por outro, brancos de origem européia, que alternam constantemente avanços e recuos: ora expande-se a etnia germânica (em festas como a

Oktoberfest, por exemplo), ora consolida-se a cultura afro-brasileira, penetrando inclusive em clubes considerados “aristocráticos”, obrigados a abrir suas portas ao carnaval para sobreviver economicamente e, portanto, socialmente.

O CONTINENTE PEDE PASSAGEM: TRANSFORMAÇÕES URBANAS E ESCOLAS DE SAMBA

Além das novas forças econômicas que alterarão as relações internas e externas das escolas de samba, em nível interno a lenta aproximação de outros setores sociais, como as classes médias, por exemplo, começa a provocar dissensões no mundo do samba. É nessa época também que se reforça uma divisão que vinha se esboçando há tempos, resultado da diversidade social refletida nas escolas de samba: as “grandes” e as “pequenas”. Nesse momento, essa divisão se expressa em “escolas da Ilha” (grandes) e “escolas do Continente” (pequenas), caracterização que permanecerá apenas durante a década de 70. Nesta época, a disputa de prestígio dava-se quase que exclusivamente no âmbito social e o aspecto econômico não tinha grande relevância, já que a exigência financeira dos desfiles não era de grande vulto. Entretanto, na década de 80, com o desenvolvimento das novas forças econômicas que haviam se instalado na década anterior e com o surgimento dos blocos carnavalescos formados pelos funcionários das grandes empresas, os poderes econômicos e político se deslocarão da área insular para a parte continental e a polarização anterior se romperá para dar lugar a uma complexidade maior, na qual a definição de “grande” ou “pequena” será uma combinação de poder econômico, organização comunitária e capacidade de fazer alianças, que resultará em agrupamentos diferenciados. Além do mais, o fator econômico (além do social) passa a ser um dos determinantes na disputa do prestígio da escola, já que a estrutura do desfile exigia maiores investimentos.

Em meados da década de 80, ao mesmo tempo em que se afirmam as “novas escolas” como favoritas na grande maioria dos desfiles, as “tradicionais” emergem em uma crise. Essa crise será resultado da alteração dos fatores econômicos e sociais e da inadequação de sua forma antiga de estruturação às novas exigências; debilidade financeira e afastamento da comunidade são fatores que também precipitarão a crise. Mas em seguida,

as “tradicionais” escolas se reestruturarão buscando adequar-se às novas exigências e retomarão a posição para competir em pé de igualdade com as “novas”. Suas estratégias se desenvolverão principalmente no sentido de organizar-se internamente nos níveis administrativo e político e reaproximar a comunidade de origem.

Parte da reordenação das forças que resultará em novas composições nas escolas de samba implicará na aproximação das classes médias e no surgimento de figuras – algumas polêmicas – como o “carnavalesco” que concentrará as funções que antes eram exercidas pelos organizadores dos desfiles; também se consolidam funções como o autor de enredo e outras. Internamente nas escolas de samba, consolida-se uma relação de “trocas” entre os diversos setores sociais onde as classes médias contribuem com algumas propostas estético-visuais e com a presença financeira adquirindo fantasias que requerem maior poder econômico, e as classes populares de origem negra com o aspecto rítmico-melódico, numa composição que se denominará o “carnaval-espetáculo” e que predominará daí por diante.

COMUNIDADE OU GIGANTISMO? ENFRENTANDO NOVOS DESAFIOS

Na entrada dos anos 80, as escolas de samba mantêm a estratégia de buscar a unidade na diversidade, fazendo conviver “novos” componentes e “velha” guarda, classes populares, médias e elites e formações culturais diferenciadas (valorização de temas da cultura açoriana e germânica, por exemplo, com o traço afro-brasileiro). Entretanto, o principal fator de orientação de sua atuação será a busca da conciliação entre o aspecto empresarial (busca de autonomia financeira) e o aspecto comunitário (manutenção das raízes populares identificada com autenticidade).

Nesta época, começam a emergir os primeiros conflitos graves entre escolas de samba e Poder Público e um de seus pontos máximos de estrangulamento será o cancelamento dos desfiles em 1988, e posteriormente em 1994, por falta de apoio financeiro. Pode-se mesmo afirmar que até esta época, as escolas de samba ainda permaneciam infantilizadas, porque dependentes do Poder Público no nível econômico e político. A partir de meados dos anos 80, quando a estrutura econômica da cidade se complexifica e as escolas de samba também, começam a ser dados os primeiros passos

para a maturidade, que implicam também na busca – incipiente – de autonomia financeira e, portanto, política. Outro debate que emerge nesta época é a profissionalização do sambista, já que a competição entre as escolas havia assumido proporções que levava à “contratação” dos melhores profissionais para garantir a vitória.

O cancelamento dos desfiles em 1988 – o primeiro na história das escolas de samba de Florianópolis –, por falta de apoio do Poder Público, causa grande comoção no mundo do samba, ganha as ruas e a mídia. Fica evidenciado um traço histórico que vinha se configurando também em âmbito nacional: o Poder Público, antes paternalista e autoritário, após o fim do regime militar ressurgia com feição neoliberal, privatista, desobrigando-se das responsabilidades sociais antes assumidas. Propondo autonomia e argumentando falta de verbas, o Poder Público retira o apoio aos desfiles e principia seu afastamento das escolas de samba de Florianópolis, numa relação que será permanentemente conflituosa, de constantes rompimentos e acordos e que exigirá imensos esforços das escolas de samba no sentido da autonomia financeira e administrativa. Os dirigentes das escolas de samba não negam a necessidade de autonomia, mas lutam para que o Poder Público continue se sentindo também responsável pelas escolas – auxiliando ou acompanhando as gestões – a garantia de um direito de cidadania adquirido a duras penas do qual os sambistas não querem abdicar.

Outra característica dos meados dos anos 80 em diante será o espelhamento no “modelo Rio de Janeiro”, o que a princípio agravará a crise das escolas de Florianópolis impossibilitadas de assumir as dimensões estruturais a que se propunham. Entretanto, no final da década e início dos anos 90, as escolas reverão o equívoco e se nortearão pelo objetivo de “fazer o carnaval em casa”, significando adequar os desfiles aos objetivos possíveis, retomando as características locais e, ao mesmo tempo, mantendo a articulação com as escolas cariocas para assimilar destas alguns elementos estéticos e organizativos. Entretanto, algumas escolas apostarão na forma anterior de fazer carnaval: será uma linha mais “alternativa” entre as escolas de samba que terão como centro de atuação o aspecto cultural, negando as inovações da chamada “modernidade” feitas nos anos 80. Pode-se afirmar que este é um momento de afirmação das identidades de cada escola de samba e de todas como um todo.

AFIRMAR E RENOVAR IDENTIDADES: DESAFIOS DA MODERNIDADE

Entre os elementos principais de afirmação das escolas de samba nessa época estão a “negritude” e a vinculação comunitária. Diante da aproximação dos novos setores sociais – classes médias e elites, as quais, em Santa Catarina são, majoritariamente de origem européia –, a garantia da “negritude”, leia-se a permanência de traços culturais e sociais ligados à cultura de origem africana e do vínculo comunitário, passará a significar o atestado de autenticidade e as escolas buscarão reforçar esses aspectos. Ao lado disso, os desafios de racionalizar e planejar impõem-se internamente. A antiga rivalidade entre as escolas, vai, lentamente, cedendo espaço à sua articulação em torno de objetivos comuns, entre eles as reivindicações junto ao Poder Público. É por isso que se criam as Associações (Asseca e Liesa) que representam um passo na organização das escolas de samba, espelhando os agrupamentos existentes a partir da reorganização das “novas” e “tradicionais” escolas e a Coperca [3], instrumento de diálogo entre Poder Público e entidades organizativas das escolas para gestão do carnaval.

Outra luta das escolas de samba nos anos 90 é a valorização cultural, já que o Poder Público entra num processo de negação da importância das escolas de samba, priorizando o investimento em eventos culturais que não contemplam as classes populares de origem negra. Essa atitude acaba forçando a reversão do espaço social conquistado historicamente pelas escolas de samba, porque o Estado dirige suas políticas prioritárias a eventos nos quais as classes populares de origem negra não têm presença, o que é abertamente questionado pelos dirigentes e sambistas. Atualmente o Poder Público, pressionado pelas conseqüências negativas de sua omissão em anos anteriores, reverte essa atuação e trabalha francamente no apoio aos desfiles, comprovando que os avanços e recuos são inerentes à história das escolas de samba locais. Outro desafio da atualidade é a aproximação com setores financeiros que possam auxiliar nos desfiles, mas a ação ainda é incipiente.

A trajetória histórica das escolas de samba de Florianópolis implicou em um aprendizado fundamental para os chamados componentes do mundo do samba. Este organiza o ideário, a memória e a coesão interna de seus participantes. Os processos educativos, sociais e de valorização identitária e étnica promovidos pelas escolas de samba – motor principal do mundo do samba –

3 – Associação das Entidades Carnavalescas de Florianópolis; Liga das Escolas de Samba de Florianópolis e Comissão Permanente de Carnaval.

se desdobram em múltiplos aspectos que se interrelacionam e se combinam representando uma oportunidade formidável de formação das classes populares em diversos campos de conhecimento as quais, muitas vezes não têm acesso a outros espaços educativos, como a escola formal ou não participam de outras instâncias associativas. Os múltiplos processos de aquisição de conhecimento e de relacionamento social promovidos pelas escolas de samba consideram a integralidade do sujeito, ou seja, abrangem variados aspectos do meio ambiente cultural e social no qual se inserem. As escolas de samba indicam que existe, na sociedade, uma energia de dimensões político-pedagógicas que possibilita às classes populares educarem-se entre si nas relações, tornarem-se conscientes, viverem conflitos e contradições e construir cultura. O objetivo que congrega este universo é o desfile, o rito carnavalesco principal. Esse rito exprime as relações sociais que o engendram e geram as estruturas necessárias à sua realização, como as instâncias organizativas das escolas de samba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRAL, Oswaldo. *Nossa Senhora do Desterro. Memória*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. 572 p.

CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio. *Cor e Mobilidade Social em Florianópolis. Aspectos das Relações entre Negros e Brancos numa Comunidade do Brasil Meridional*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1960. 295 p.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985. 148 p.

PEDRO, Joana Maria et al. *Negro em Terra de Branco. Escravidão e Preconceito em Santa Catarina no Século XIX*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. 64 p.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval Brasileiro. O Vivido e o Mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992. 237 p.

“Carnaval brasileiro: da origem européia ao símbolo nacional.” In: *Revista Ciência e Cultura*. SBPC, v.39, n.8, p.717-729, ago. 1987.

TRAMONTE, Cristiana. *O Samba Conquista Passagem. As Estratégias e a Ação Educativa das Escolas de Samba de Florianópolis*. Paris: FPH, Florianópolis: Diálogo/NUP-UFSC, 1996.